

A INTERFERÊNCIA DA ORALIDADE NA ESCRITA DOS ALUNOS DO 6º ANO NUMA ESCOLA ESTADUAL DE UNAÍ – MINAS GERAIS

Ciro Carlos Antunes¹

Aurenice de Sousa Nascimento²

Grazyelly Faria Rates³

Marinês da Mota Costa⁴

RESUMO: Os desafios de aprender e ensinar a escrita em sala de aula é cada vez maior, e este tem sido um dos aspectos mais importantes a serem discutidos em pesquisa sobre educação. Por isso o presente estudo teve como objetivo investigar uma turma do 6º ano, do Ensino Fundamental turno vespertino, em uma Escola Estadual no Município de Unaí - Minas Gerais, sobre a interferência da oralidade na escrita dos alunos, para essa investigação é proposto a seguinte questão norteadora: devido a frequência de erros na grafia dos alunos, pode-se observar se a linguagem oral está interferido na linguagem escrita? Para o desenvolvimento do trabalho foi feito uma pesquisa bibliográfica de campo, com abordagem quantitativa e qualitativa, cujo instrumento utilizado para coleta de dados foi um ditado estourado, onde foram escolhidos aleatoriamente nove alunos para estourar o balão e ditar a palavra escrita para os demais colegas. Assim, os ditados foram recolhidos e analisados através de gráficos. De acordo com a percepção os resultados indicaram que a oralidade dos alunos que ditou a palavra interferiu na escrita pelo fato de que em algumas palavras muitos alunos não entenderam, sendo assim sucessíveis ao erro. Bagno (2009) acredita que “erros” de uma ortografia são constantes, porém o aluno que foge da regra da gramática, fez isso por que não quis errar, mas foi na tentativa para acertar. Por fim, os resultados obtidos neste estudo trazem reflexões importantes para a prática pedagógica do professor sinalizando que a linguagem falada pode interferir na escrita formal da gramática normativa.

Palavras-chaves: Aluno; oralidade; escrita.

ABSTRACT: The challenges of learning and teaching writing in the classroom is increasing, and this has been one of the most important aspects to be discussed in education research.

¹ Professor de Educação Superior: Prática de Formação / Estágio Supervisionado – Universidade Estadual de Montes Claros. Mestre em Língua Portuguesa, PUC – SP. E-mail: c.albuquerque@bol.com.br.

² Acadêmico do curso de Letras – Português, Universidade Estadual de Montes Claros – Campus Unaí – MG.

³ Acadêmico do curso de Letras – Português, Universidade Estadual de Montes Claros – Campus Unaí – MG.

⁴ Acadêmico do curso de Letras – Português, Universidade Estadual de Montes Claros – Campus Unaí – MG.

Therefore, the present study had as objective to investigate a group of the 6th grade, of Elementary School, afternoon shift, at a State School in the Municipality of Unaí - Minas Gerais, about the interference of orality in the writing of students, for this investigation the following is proposed Guiding question: due to the frequency of errors in the spelling of the students, can it be observed if the oral language is interfered in the written language? For the development of the work, a field bibliographical research was conducted with a quantitative and qualitative approach, whose instrument used for data collection was a bursting dictation, where nine students were randomly selected to burst the balloon and dictate the written word to the other colleagues. Thus, the dictations were collected and analyzed through graphs. According to the perception the results indicated that the orality of the students who dictated the word interfered in the writing by the fact that in some words many students did not understand, thus being successive to the error. Bagno (2009) believes that "errors" of a spelling are constant, but the student who escapes from the grammar rule, did this because he did not want to err, but was in the attempt to correct. Finally, the results obtained in this study bring important reflections to the pedagogical practice of the teacher, signaling that spoken language can interfere in the formal writing of normative grammar.

Keywords: Student; Orality; Writing.

INTRODUÇÃO

“O homem é um ser que fala” (MARCUSCHI, 2002, p. 22). Nesse princípio o homem é racional por ser entendido, comunicável e faz uso da oralidade em seu cotidiano seja em casa, trabalho ou instituição que ele é agremiado. Dentre as diferenças que ocorrem entre os seres, uma das principais que diferenciam os homens dos demais seres é a capacidade de falar e ser expressar através do processo de aquisição da língua.

O homem é um ser social que constrói sua interação face a face através da oralidade, sendo essa sua matriz formadora de formação de pensamento. Portanto a língua falada é mais presente no cotidiano do que a língua escrita. Quando falamos em linguagem oral, devemos considerar seus diferentes contextos de uso. Por isso é necessário um conhecimento melhor da língua falada, sua riqueza cultural e seus diferentes usos em contextos sociais para desempenhar papéis sociais diferentes de acordo o contexto que está inserido.

A linguagem verbal é composta por duas modalidades a fala e a escrita, onde as mesmas pertencem no nosso caso a Língua Portuguesa. Suas diferenças

estão nas estruturas, cada uma tem características próprias, mas não opostas, visto que essas diferenças entre a fala e a escrita ocorrem devido às diferentes condições de linguagem, que envolvem aspectos psicológico-social, cultural e grau de letramento, estágio de desenvolvimento linguístico, gênero, registro e modalidade (KATO 1998). Ainda nesse sentido KATO (2001, p.11).

A fala e a escrita são parcialmente isomórficas, mas que na fase inicial, é a escrita que tenta representar a fala o que faz de forma parcial- e, posteriormente, é a fala que procura similar a escrita, seguindo-o também parcialmente.

Assim, a fala e a escrita são processos similares, um depende do outro. A aquisição da linguagem é constituída no indivíduo de acordo com seu meio social, desse modo no decorrer do ambiente escolar o aluno passa a transcrever sua fala através da escrita, mostrando que a escrita representa a fala em primeiro momento. Depois desse processo de aprendizagem da ortografia do português, o aluno passa a representar sua escrita nos momentos de diálogo, observa-se que um anda em conjunto do outra, tornando-se inseparáveis para o processo de educação escolar.

Segundo a autora essa semelhança que acontece entre ambas partes primeiramente da escrita que retrata a fala com intuito de aproximar uma da outra e depois a fala é que absorve a escrita tornando a mesma parte uma da outra. Antunes (2003, p. 50) ressalta que, “a escrita supõe condições de produção e recepção diferentes daquelas que atribuídas à fala”. A fala é um discurso onde envolve duas ou mais pessoas, é um texto falado de forma menos elaborado às vezes com dinâmicas e gestos. Já a escrita passa por várias etapas, onde suas funções são mais específicas, desde o planejamento até a revisão do texto.

2 Processos de aprendizagem da fala e da escrita

O aluno desde criança interage com o meio onde está inserido, iniciando assim seu processo de aprendizagem e fazendo sua leitura do mundo, suas vivências fazem com que cada um tenha uma linguagem própria peculiar a seu grupo social, o que influenciará na sua alfabetização. Segundo Lima (1996, p.63), o indivíduo começa a ler, “quando ela leva um objeto à boca, quando agarra, puxa e encaixa objetos, quando ouve e imita sons etc., ela está lendo” isso se dá pelo processo de conhecimento em que a criança passa, como se trata de algo novo ao pegar ela começa a adquirir familiaridade com o objeto, assim com a ajuda de um adulto falante a criança começa a imitar os sons até aprender o nome dos objetos. Ao contrário do que pensamos a alfabetização não ocorre somente nas escolas, esse convívio social e familiar transmite conhecimentos indispensáveis para a criança.

Bakhtin (2000, p. 268 *apud* GOULART, 2013, s/p) retrata que a concepção de ensino e aprendizagem da

Língua materna, seu vocabulário e sua estrutura gramatical, não as conheceram por meio dos dicionários ou manuais de gramática, mas sim graças aos enunciados concretos que ouvimos e reproduzimos na comunicação discursiva efetiva com as pessoas que nos rodeiam.

Assim, em consonância com as ideias de Lima, Bakhtin apresenta que a aprendizagem acontece através do meio, de acordo com a convivência social, que a criança se desenvolve nos processos de aquisição da fala e da escrita.

Assim, Kato (2001, p. 122) fala que:

o problema dialetal na aquisição tem gerado, entre nós, algumas polêmicas, como aquela em torno da reforma ortográfica. Para muitos educadores, o que causa problemas mais sérios na alfabetização e na pós-alfabetização é a distância entre a fala do aprendiz e a norma usada nos textos escolares.

Portanto, como sabemos que nenhuma fala é errada, mas é considerada como produto cultural, no entanto, os educadores acabam confrontando em relação à linguagem escrita, por seus alunos trazerem para a escola uma oralidade onde fará pouco uso devido os antecedentes dialetais.

A oralidade nem sempre é trabalhada nas escolas, dar-se muito mais importância à língua escrita, já que esta é considerada um bem cultural e desejável por todos, visto que é papel da escola oferecer uma formação integral ao indivíduo, espera que o aluno seja capaz de se comunicar através da leitura e escrita, desempenhando, assim, seu papel social, quanto ao processo formal que a escola exerce incluindo o letramento e as Habilidades de leitura e escrita.

Neves (2009, p. 87) ressalta que:

Nenhum pai, nenhuma família espera que a escola vá ensinar suas crianças a “falar”, pois elas já “falam” quando entram na escola, uma vez que, obviamente, o desempenho oral antecede o processo de educação formal. Estendendo as considerações para todo o entorno que cerca as reflexões sobre língua falada, ninguém espera que a escola constitua o espaço privilegiado da apreensão e da discussão da cultura popular, que é aquela que, por princípio, se veicula na comunicação oral, e isso decorre da consideração de escola, privilegiadamente, como o “templo” do letramento, a instituição absolutamente responsável por ele.

Segunda a autora, o aluno quando o entra pra escola leva consigo sua linguagem oral, que aprendeu desde seus primeiros anos de vida. Antunes 2003 fala que os professores tenham muito cuidado com os alunos para que não cause ideia falseada da fala da escrita, ela sugere que o professor trabalhe com atividades trabalha com retextualização que passa do oral para o escrito, para que os alunos tenham mais facilidades na compreensão nas diferenças, nas similaridades da oralidade sobre a escrita.

2.1 Diferenças entre a fala e a escrita

O ser humano é um ser social e precisa interagir no meio em que vive, e para isso faz uso da linguagem para organizar-se através da língua falada e escrita. Marcuschi (2005, p. 17), define o homem como um ser que fala e não como um ser que escreve.

Sabe-se que a fala historicamente antecede e muito da escrita, é natural que a sociedade possui a linguagem como forma de se comunicar, registrar a sua história, e, está evoluindo com o decorrer do tempo. Em relação às marcas da fala na escrita, Durante (2008, p. 95), pontua o seguinte:

Diferentemente da fala, marcada pela transitoriedade dos sons, a escrita se apresenta, em certa medida, como um objeto estável e permanente, com valor documental. Sendo, por conseguinte, nesse aspecto, considerada de mais fácil manipulação e análise.

Sendo que a fala está sempre em transição e sofre constantes mudanças, assim, ela não é um objeto permanente, porém oposta da escrita que possui um caráter mais balanceado que não foge tanto do contexto como a fala. Já Antunes (2003, p. 52) diz que a “fala mais informal e a escrita mais formal”, pois quanto maior a distância entre as duas mais difícil ficará para chegar na produção de um texto mais formal. Essas diferenças que acontecem entre as duas modalidades “têm muito a ver as condições de uso da linguagem, é que a escrita é menos dependente do contexto situacional; e que permite um planejamento verbal mais cuidadoso; é mais sujeita a convenções prescritivas; é um produto permanente” (KATO 1998, p.31). E na fala ocorre respectivamente várias violações na interação verbal, por omissão do uso regras da gramática.

Muitos pesquisadores têm feito estudos em relação à língua falada e escrita, nota-se uma complexidade e muita variação nos resultados, Marcuschi (2005, p 45-46) tenta pontuar os achados mais notáveis:

As semelhanças são maiores do que as diferenças tanto nos aspectos estritamente linguísticos quanto nos aspectos sociocomunicativos (as diferenças estão mais na ordem das preferências e condicionamentos);

As relações de semelhanças e diferenças não são estaques nem dicotômicos, mas contínuas ou pelo menos graduais (considerando-se que o controle funcional do contínuo acha-se no plano discursivo);

- As relações podem ser mais bem compreendidas, quando observadas no contínuo (ou na grade) dos gêneros textuais (que em boa medida se dão em relações de contrapartes, ocorrendo, em grau significativo, gêneros similares nas duas modalidades);
- Muitas das características diferenças atribuídas a uma das modalidades são propriedades da língua;
- Não há qualquer diferença linguística notável que perpassa o contínuo de toda a produção falada ou de toda produção escrita, caracterizando uma das duas modalidades;
- Tanto a fala como a escrita, em todas as suas formas de manifestação textual, são normatizadas;
- Tanto a fala como a escrita não operam nem se constituem numa única dimensão expressiva, mas são multissistêmicas;
- Uma das características mais notáveis da escrita está na ordem ideológica da avaliação sociopolítica em sua relação com a fala e na maneira como nos apropriamos dela para estabelecer, manter e reproduzir relações de poder, não devendo ser tomada como intrinsecamente libertária.

Observa-se que a língua falada e escrita tem suas relações de diferenças e semelhanças, porém ambas são de fundamental importância para a socialização humana, mantendo sempre o contato com a gramática normativa e tradicional, atentando-se para os aspectos de coerência e coesão da linguagem.

Embora a língua escrita seja mais valorizada que a falada, é importante ressaltar que ela jamais existirá sem a contribuição da mesma, a escrita é parte da língua que ganha vida quando a fala entra em ação. Diante desse impasse Ong (1998, p. 16) diz o seguinte:

A despeito dos mundos maravilhosos que a escrita abre, a palavra falada ainda subsiste e vive. Todos os textos escritos devem de algum modo, estar direta ou indiretamente relacionados ao mundo sonoro, hábitat natural da linguagem, para comunicar seus

significados. Ler um texto significa convertê-lo em som, em voz alta ou ainda na imaginação, sílaba por sílaba na leitura lenta ou de modo superficial na leitura rápida, comum a culturas de alta tecnologia.

De acordo com o autor, embora a linguagem escrita tenha um valor mais expressivo em termos de pesquisa, de transmissão de informações e arquivamentos de fatos históricos, por exemplo; ele interage com o leitor através da língua falada, assim de certo modo a cultura da escrita e da fala se torna inseparáveis.

2.1.2 O meio em que o aluno está inserido interfere na fala e escrita do mesmo

Segundo Halliday (1974) são vários os fatores que interferem e influenciam na variação da língua, e esses fatores são inerentes aos usuários, há variáveis próprias de cada falante, dentre eles podemos citar a origem geográfica, idade, sexo, posição social, grau de escolaridade, raça, e profissão, a situação de comunicação também influencia nesta variação, o espaço, tema e o grau de intimidade entre os falantes. O uso da língua nos permite sempre variações isso vai depender do meio e da circunstância em que o falante está inserido. Ainda neste sentido Halliday (1974, p.105) ressalta que:

Em determinada dimensão, a variedade de uma língua que um indivíduo usa é determinada pelo que ele é. Todo falante aprendeu, como sua L1 (uma designação para língua materna), uma particular variedade da língua de sua comunidade linguística e essa pode ser diferente em algum ou todos os níveis de outras variedades da mesma língua aprendidas por outros falantes como sua L1. Tal variedade, identificada segundo essa dimensão, chama-se dialeto.

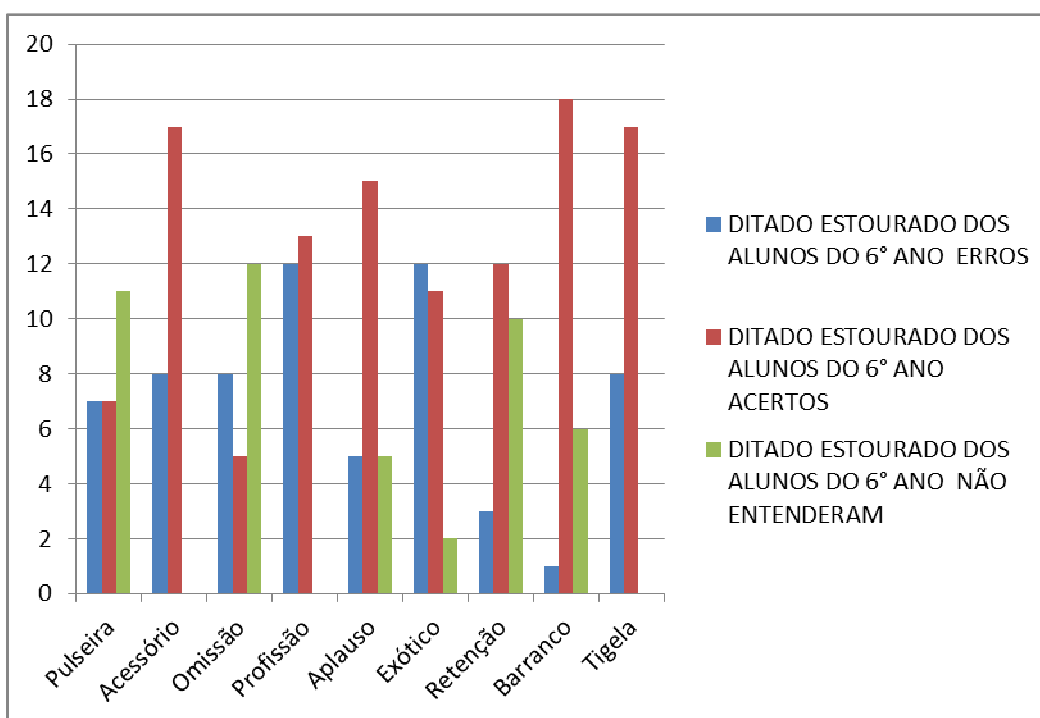
Assim o falante se expressa de acordo com os costumes do ambiente em que vive da região onde mora, de acordo com sua idade, sexo e até mesmo da sua dimensão social. Travaglia (2005) apresenta um registro de seis dimensões de variação dialetorial, sendo dialeto na dimensão regional; onde o falante pega características da fala da região onde mora. O dialeto na dimensão social, onde o nível de escolaridade e a classe social do falante interferem na sua variação

linguística. Dialeto na dimensão de idade; expressa que a fala ocorre alterações de acordo com a faixa etária do falante.

O dialeto na dimensão de sexo; onde expressa variações na língua de acordo com o sexo do falante, o dialeto na dimensão de geração; que expressa o desenvolvimento que a língua sofreu no decorrer dos anos. E o dialeto na dimensão de função, que é raro no nosso português e expressar as variações de acordo com a formação do falante.

3 Análise dos dados

A análise dos dados deu-se por meio de um “ditado estourado”, no 6º do ensino fundamental numa escola estadual de Unaí em Minas Gerais. Onde obtivemos nove palavras transcritas que são: “pulseira, acessório, profissão, aplauso, exótico, retenção, barranco e tigela”.



Fonte: Elaborada pelos autores.

Na análise da palavra pulseira foi observado que a pronúncia deixou vários alunos na dúvida, sem entender o que foi dito pelo colega leitor, através desse fato onze alunos escreveram palavras como: / pulsem / bulseira / uset / posei / pulse / pesseca/, observando, assim, que a oralidade do aluno interferiu diretamente na escrita dos demais colegas de classe.

Seis alunos erraram na escrita da palavra ao confundir o uso das letras “s” com “ss”, e três alunos apresentaram o processo de ditongação, que segundo Coelho (2010) consiste o nível fonológico da gramática, consistindo na redução de uma vogal como na palavra “pulseira”, onde escreveram “pulsera”.

A palavra “acessório” foi pronunciada com uma boa dicção e corretamente, assim, nenhum dos alunos ficou sem entender a palavra, e devido a isso a grande maioria de dezessete alunos acertaram na grafia correta da palavra, porém oito alunos confundiram o uso das letras “c”, “s”, “ss” e “ç”.

Esse mesmo comportamento de dúvida com as letras também ocorreu na palavra omissão, assim oito alunos transcreveram fora da norma padrão da gramática como: /omição / omisão/. O número de alunos que não entenderam a pronúncia do colega foi maior, chegando a doze palavras onde apresentaram palavras que não assemelham com o que foi ditado, como: /albistão / osisão / almissão / obisão / ambição / obção / opsão / obição/. Dessa maneira, foram obtidos apenas cinco acertos na grafia.

Bagno (2009 p. 150) retrata que “em relação á língua escrita, seria pedagogicamente proveitoso substituir a noção de *erro* pela tentativa de acerto.”. Pois afinal a escrita é uma forma de tentar analisar a língua falada, assim no momento da transcrição o aluno sofre influências como, por exemplo, a falta de leitura, o grau de escolaridade, e a prática com a escrita que pode não ser tão intensa. De acordo com o mesmo, os “erros” de ortografia são constantes, porém o aluno que foge a regra da gramática, fez isso não porque quis errar, mais foi na tentativa para acertar.

Profissão: a palavra profissão foi analisada com 48% de erros, onde os alunos transcreveram “s” e “ç” ao invés de SS. De acordo com o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, esse dobrado “SS” representa o som [s] apenas em textos intervocálicos ex: assar, promessa, etc. Com esses fonemas parecidos foi a ocorrência para os erros cometidos pelos alunos.

Aplauso: a palavra aplauso obteve 15% erros em que os alunos transcreveram “aplasio”, “aplaso” e “aplalzu” e nesta palavra teve menos interferência da oralidade na escrita.

Exótico: a palavra exótico obteve mais erros mais que acerto onde os alunos transcreveram usando “z” e “s” no lugar de “x”, segundo CARRAHER (1985) essa troca de letra pela a letra errada, elas apresentam o mesmo fonema.

Tigela: Cerca de 10 só usa cerca para numero arredondado ok? % dos erros que ocorreu na palavra, ou seja, troca de letras, o qual engloba tanto as trocas entre consoantes surdas e sonoras. Segundo Zorzi, essa troca entre as consoantes surdas e sonoras está relacionadas com as dificuldades de discriminação da própria fala, embora as sonoras decorre do automatismo. Na escrita já é diferente. Para Zorzi (2003, p. 65):

[...] para poder decidir que letras devem ser usadas, a criança necessita ser capaz de identificar, em sua própria fala, os sons que compõem as palavras, assim como identificar a ordem sequencial dos mesmos para poder representá-los, ocorre somente, na forma de letras.

Retenção: Um total de 20% dos alunos transcreveram a palavra retenção com (s,) demonstraram que existe a interferência da fala na escrita visto que os sons das letras “s” e “ç” representam fones idênticos. Esse tipo de erro é definido como sendo de concorrência, é a de compreensão entre as letras e sons do sistema ortográfico.

Para evitar esse tipo de erro o aluno precisa ter conhecimento etimológico e morfológico a respeito da formação da palavra, conhecimento que não é imediato, mas sim de forma progressiva e contínua (ZORZI, 2003).

Barranco: A palavra barranco a incidência de erros foi menor, visto que os erros ocorreram por falta de conhecimento das regras gramaticais houve supressão das letras “r” e “n” caracterizando uma grafia incorreta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A linguagem no que se refere à fala e escrita tem suas semelhanças e diferenças cada uma e tem características próprias. A oralidade é marcada pela linguagem coloquial e espontânea e a escrita é mais planejada, mecânica onde se faz uma confusão entre fonema e grafema.

Pelo que se pode observar a variação linguística é contexto social e são fatores importantíssimos nesse processo de uso, cada falante tem variáveis próprias que interfere no uso da língua padrão. E que essas variações acontecem na maioria das vezes na língua falada face a face ou por meio de algum recurso tecnológico que usa a fala em longa distância, desse modo a fala é adequada aos papéis sociais dos sujeitos.

Pode se notar que essa interferência se dá enquanto modalidade de uso da língua e a produção textual são meios concretos para essa análise. Segundo Ong (1987, s/p.) “a oralidade jamais desaparecerá e sempre será, ao lado da escrita, o grande meio de expressão e de atividade comunicativa”. Porém a oralidade e sempre está ligada a escrita e jamais será substituída por outro meio.

A partir das pesquisas realizadas na Escola Estadual de Unaí em Minas Gerais foi possível observar que a oralidade interfere nas transcrições dos alunos. Pois alguns deles escreveram de acordo com a fala dos colegas de classe e a sua

própria fala. Para resolver esse problema é preciso que o professor trabalhe em sala de aula a oralidade a partir dos fonemas e da escrita a partir dos grafemas.

Essa pesquisa foi importante uma vez que soma no meio acadêmico para a formação e a prática letiva do discente e do professor a busca constante de formação continuada.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BARTONI – RICARDO, Stela Maris. **Nós chegamos na escola e agora? Sociolinguística e educação**. São Paulo : Parábola, 2005.

DURANTE, D. **Entre a fala e a escrita: a representação da oralidade como estratégia argumentativa em anúncios publicitários**. Tese (doutorado em filosofia e Língua portuguesa). Faculdade de filosofia, Letras e ciências humanas- FFLCH da Universidade de São Paulo- USP. São Paulo, 2008.

KATO, Mary A. **No mundo da escrita**. Uma perspectiva psicolinguística. São Paulo: Editora Ática 1998.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Que gramática estudar na escola?**.3.ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.

ONG, Walter. **Oralidade e cultura escrita: A tecnologização da palavra**/Walter Ong; tradução Enid Abreu Dobránsky.- Campinas, SP: Papyrus, 1998.

HALLIDAY, M. K. et al. **Os usuários e os usos da língua.**In: HALLIDAY, M. K. et al. As ciências linguísticas e o ensino de língua.Petrópolis: Vozes, 1974.

ZORZI, J.L. **Aprendizagem e distúrbio da linguagem escrita.** Porto Alegre. Artimed, 2003.